

NARCISO LOBO

Programa de índio

"MUITO CEDO APRENDI QUE ELES ERAM PREGUIÇOSOS E TRAIÇOEIROS."

Mesmo tendo sido um jovem que cedo acordou para a política, indignando-se contra os militares que derrubaram o governo constitucional de João Goulart, em 1964, a contestação, minha e dos meus amigos, conheceu um estranho limite com relação aos povos indígenas e seus descendentes, que estavam em volta de nós, quase sempre exercendo as funções mais subalternas, como, por exemplo os serviços domésticos. Quando discutíamos o que fazer numa noite de sexta-feira, aquele que apresentasse a proposta mais desinteressante e sem graça era irremediavelmente ridicularizado com a simples expressão: "Isso é programa de índio". Envergonhado, o autor da proposta imediatamente recuava.

Lembro, ainda, que o meu retorno a Manaus, em 1980, após um auto-exílio de quase dez anos, por Brasília e Rio de Janeiro, encontrei aqui um movimento tão dinâmico e estimulante, em torno da questão indígena, que logo me engajei na equipe do jornal "Porantim", liderado por Ribamar Bessa, no Centro Indigenista Missionário (Cimi). Por essa época, reencontrei um colega da infância, de colégio, melhor dizendo, e durante o papo, quando disse que estava trabalhando num jornal de defesa da causa indígena, tive o desprazer de ouvir, em tom de censura, algo como: "Cara, você tá se metendo com índio?!"

Na verdade, distanciando-me de Manaus, nos anos 70, pude ver os povos indígenas e seus descendentes com um carinho e com uma solida-

riedade que a proximidade, alicerçada em velhos preconceitos, não me deixava vê-los. Muito cedo aprendi que eram preguiçosos e traiçoeiros. Esse senso comum, hoje me parece claro, tinha suas bases em velhas disputas, com as histórias de conflitos de famílias contra povos indígenas, em defesa de suas terras. Como resultado, os sentimentos secretos, ora de desprezo e ódio; ora, quem sabe, de culpas.

Por fim, nesta última terça-feira, pude acompanhar de perto cerca de 300 indígenas, de quase 50 nações sobreviventes da Amazônia, durante a singela "invasão" que fizeram à Universidade do Amazonas. Depois, vi o percurso pelas ruas do centro até a Praça do Congresso, onde está o ridículo relógio da contagem regressiva dos 500 anos. Ali, em meio a cantos, danças, discursos, eles ergueram uma enorme faixa, encobrindo o relógio da Rede Globo e, dessa faixa, brotou a palavra de ordem, saída de corações sofridos mas generosos: "O Brasil que nós queremos são outros 500". Foi o início de uma marcha, cujo destino final é Porto Seguro, na Bahia, fazendo o percurso inverso dos "descobridores".

Estávamos diante do vigor, da alegria, da beleza, da sabedoria, mas sobretudo da resistência dos povos indígenas. Uma festa linda. E não pude deixar de lembrar como éramos bobos, eu e meus amigos, que não sabíamos, naqueles verdes anos, o que era, verdadeiramente, um programa de índio.

E-mail: njulio@internext.com.br